

## EDUCAÇÃO E CULTURA NA ERA DA TELEVISÃO E DA INFORMÁTICA

### EDUCATION AND CULTURE IN THE ERA OF TELEVISION AND COMPUTING

**Renato Nunes Bittencourt<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este artigo analisa de que maneira o sistema televisivo e as tecnologias informáticas favorecem ou desfavorecem o progresso da educação e da cultura, em especial dos jovens brasileiros, conforme o uso crítico de tais recursos, argumentando-se ainda que os mesmos possam ser úteis para o desenvolvimento das capacidades reflexivas dos indivíduos, caso sejam utilizados como suporte da leitura.

**Palavras-Chave:** Educação; Alienação Cultural; Televisão; Informática.

**ABSTRACT:** This article analyzes how the televising system and the informatics technologies favor or disfavor the progress of the education and the culture, in special of the young Brazilians, as the critical use of such resources, arguing itself despite the same ones can be useful for the development of the reflexives capacities of the individuals, in case that they are used as support of the reading.

**Keywords:** Education; Cultural Alienation; Television; Informatics.

#### INTRODUÇÃO

A proposta do presente texto consiste em desenvolvermos uma reflexão sobre a marcante presença dos meios de comunicação no cotidiano de nossa sociedade contemporânea, analisando de que modo ocorre a influência de tais aparatos na prática usual das instituições de ensino e na transmissão pública das práticas culturais. Dessa maneira, cabe analisarmos imparcialmente tanto os benefícios como os malefícios desses recursos informativos para o desenvolvimento adequado da produção de saberes e de atividades culturais em nossa conjuntura social, sobretudo na relação desses conteúdos com os espaços físicos destinados por excelência para a concretização da transmissão da cultura, a instituição escolar. Pretendemos ressaltar ainda as influências ideológicas que os modernos meios de comunicação exercem no processo de formação cultural do jovem estudante; por conseguinte, cabe refletirmos em

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião Pública da UERJ. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

especial acerca dos equívocos cometidos pelos indivíduos quando se concede demasiada credibilidade aos conteúdos informativos fornecidos pela estrutura informativa da Televisão e pela Internet, sem que exista qualquer consideração crítica por parte do usuário desses recursos acerca da consistência intelectual e fidedignidade de tais informações.

## **INFORMAÇÃO NÃO É EDUCAÇÃO**

Considero que seria de suma pertinência intelectual despertar a atenção do leitor para o grande problema cultural decorrente a partir do momento no qual a pessoa suprime o esforço investigativo para a aquisição do conhecimento, em prol da assimilação de informações transmitidas nos meios de comunicação, desprovido da capacidade de julgar criticamente os conteúdos informativos recebidos na vivência cotidiana; por outro lado, cabe também evidenciarmos as vantagens intelectuais que podem advir dessa relação, quando o indivíduo adquire a capacidade de selecionar as qualidades de conhecimentos e conteúdos informativos que são realmente pertinentes para a sua formação intelectual adequada. Portanto, o mais importante é adquirirmos um rigoroso critério de seletividade no processo de aquisição de saberes. Gilles Lipovetsky e Jean Serroy argumentam que

Jamais tantas informações estiveram disponíveis, jamais os recursos enciclopédicos foram tão ricos: mas ricos de quê? (...) Não há distanciamento crítico nem hierarquia de informações, e sim o acesso imediato para todos, a um saber fragmentado, que deslegitima os mestres e instaura a credulidade e a facilidade do menor esforço (LIPOVETSKY & SERROY, 2011, p. 161).

Nessas condições, podemos afirmar que “informar” não é “formar”, isto é, propiciar o desenvolvimento progressivo das capacidades intelectuais dos indivíduos pelo estudo, pela participação nas atividades culturais da sociedade, pela educação e pela própria vivência individual. Cabe destacar que Edgar Morin apresenta uma interpretação crítica do conceito de “formação”, que merece ser aqui reproduzida pela coerência de sua argumentação:

---

O termo 'formação', com suas conotações, de moldagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito (MORIN, 2002, p. 10-11).

Todavia, ainda que o conceito de “formação” possa portar uma carga semântica normativa no contexto do processo pedagógico da organização social, apresenta mais relevância axiológica do que o conceito de “informação”. Ora, por “informação” não podemos de maneira alguma compreender o sentido de “reflexão”, “questionamento” ou “análise”, mas apenas a noção de propagação de um modelo de discurso que é intelectualmente superficial, pois visa apenas deixar a massa social relativamente notificada dos acontecimentos que envolvem a sua circunscrição pública. Conforme destacado por Alain Woodrow,

A cultura vive-se em tempo diferido, enquanto a informação exige o tempo real. A cultura implica uma ligação com o passado, um mergulho na herança literária, artística, musical do mundo. É preciso tempo para ler, aprender, ver (WOODROW, 1996, p. 100).

Tudo o que é de fácil assimilação é conveniente para as mentalidades apressadas, que inclusive se exasperam com a lentidão saudável própria do ato de analisar cuidadosamente um texto ou a fruição da obra de arte. Nesse sentido, nada mais paradoxal do que a exposição de bens artísticos em locais caracterizados pela paranóica velocidade das movimentações. Ao comentar a tipologia gnosiológica do homem moderno submetido aos parâmetros midiáticos massificados, Enrique Rojas afirma que

Trata-se de um homem relativamente bem-informado, mas de escassa educação humanista, muito voltado ao pragmatismo, por outro lado, e vários assuntos, por outro. Tudo lhe interessa, mas de forma superficial; não é capaz de fazer uma síntese daquilo que percebe e, como consequência, se converte numa pessoa trivial, superficial, frívola, que aceita tudo, mas que carece de critérios sólidos em sua conduta (ROJAS, 1996, p. 13)

Os recursos expressivos da sociedade de informação são desenvolvidos de modo que possam ser facilmente assimilados por seus “consumidores”, sem que

haja o projeto de se exercitar a reflexão e o senso crítico e as capacidades questionadoras dos receptores, encorajando-os para que se tornem efetivamente criativos em suas disposições culturais e intelectualmente ousados nas suas vidas. Conforme salienta Juremir Machado da Silva,

Ao contrário do que afirma a mitologia do jornalismo, a mídia não trabalha para informar, mas sim para seduzir e “fidelizar”. Por isso, o intelectual é o seu inimigo jurado, na medida em que o papel deste consiste em instalar a dúvida no lugar das certezas confortáveis e rentáveis (MACHADO DA SILVA, 2000, p. 126-127)

Nessas condições, podemos dizer ironicamente que a estrutura midiática mais “desinforma” do que “informa” os seus receptores, gerando neles a incapacidade sócio-política de transformação concreta da realidade ao apresentar publicamente uma imagem de mundo que não corresponde ao que é vivido na imanência. Vejamos o que diz Philippe Breton: “Os próprios Media, ao difundirem certas informações, aumentaram, apesar de tudo, a nossa ignorância do mundo real, pois a ignorância não tem melhor aliado do que a ilusão do saber” (BRETON, 1994, p. 132). Cabe a partir desse momento de nossa argumentação avaliarmos se as tecnologias comunicacionais da televisão e da revolução informática favorecem o desenvolvimento de uma formação cultural conveniente para os seus usuários, de modo a retirar a esfera pública midiaticizada do estado de alienação intelectual próprio da sociedade de massas da era moderna.

### **A PRESENÇA DA TELEVISÃO NA VIDA SOCIAL CONTEMPORÂNEA**

O advento do aparelho televisor na sociedade tecnicista tornou-se importante tema de discussão para diversos autores que versam acerca da teoria da comunicação em vertentes filosóficas, sociológicas e psicológicas. Uma das ideias constantemente enunciadas é que, antes do surgimento do “mundo da Televisão”, existia uma dedicação mais consistente, sobretudo da parte dos membros constituintes da sociedade alfabetizada, para o desenvolvimento das atividades intelectuais que preconizam primordialmente o aprimoramento cultural. Dentre essas tendências poderíamos contabilizar: o hábito saudável da

prática da leitura, através do estudo de obras literárias ou periódicos; o exercício da escrita de textos poéticos, contos e similares; o interesse de se freqüentar regularmente as peças encenadas pelas companhias teatrais, dentre outras possibilidades de interações socioculturais, por sinal, muito distintas da vida sedentária peculiar ao âmbito doméstico que se desenvolve a partir da introdução dos aparelhos televisores na instituição familiar. Essa teoria, em decorrência do caráter universal da vida “televisiva”, poderia ser aplicada na investigação da formação cultural da sociedade brasileira do período “pós-televisão”, após fazermos, evidentemente, as adaptações convenientes.

Infelizmente, não é prática comum, em grande contingente da população brasileira, incluindo-se nesse rol a parcela dotada de relativo poder aquisitivo e possibilidade de fruir de bens culturais, a disposição de um exercício intelectual constante que propicia a aquisição de cultura: trata-se do hábito de leitura regular de livros e textos dotados de notável qualidade conceitual. Afinal, mesmo antes da existência dos aparatos técnicos dos sistemas de Televisão e a sua concorrência com o exercício do pensamento crítico, apenas uma escassa parcela de nossa sociedade se dedicava ao salutar ato contínuo de leitura. Comprova esta afirmação o grande índice de analfabetismo existente na população brasileira desde os tempos egrégios de nossa formação nacional; com efeito, em detrimento do desenvolvimento efetivo do conhecimento humano na história de nosso desenvolvimento cultural e para malgrado do senso de urbanidade e refinamento nas suas relações sociais, era prática usual que apenas os membros das classes mais abastadas obtivessem a oportunidade de receber uma educação adequada para as suas necessidades intelectuais e culturais basilares.

Ao longo das eras, apesar dos esforços empreendidos por algumas autoridades governamentais e figuras intelectuais comprometidas efetivamente com o processo de transformação dessa situação de degradação cultural, o problema crônico do analfabetismo, ainda que combatido, mas muito parcialmente mitigado, se faz ainda presente de modo marcante na sociedade brasileira. Não podemos deixar de reconhecer aqui a incomparável contribuição que as atividades educacionais de Paulo Freire proporcionaram para o desenvolvimento da alfabetização das classes populares brasileiras em seu

projeto de conscientização política e social de um contingente humano que foi alheado durante décadas da participação democrática no poder estabelecido. Nessas condições, a leitura de obras como *Pedagogia do Oprimido*, *Educação como prática de liberdade* é imprescindível para o conhecimento orgânico da filosofia educacional de Paulo Freire.

Portanto, é imprescindível que ainda se propicie os benefícios da educação para um grande contingente humano de cidadãos brasileiros, esquecidos pelos órgãos de assistência de nossos burocráticos organismos políticos. Aliás, cabe ainda pensarmos nos analfabetos funcionais que se encontram infiltrados nos colégios, nas “universidades comerciárias” que apenas visam o lucro imediato através da aceitação em seus quadros discentes de estudantes intelectualmente ineptos, e, tanto pior, mesmo nas instâncias políticas. A luz do conhecimento arrisca-se a se tornar lama fétida. Podemos afirmar que autêntico indivíduo alfabetizado é aquele tanto capaz de escrever um dado tema redacional imbuído propriedade intelectual como também de decodificar satisfatoriamente os conteúdos de um texto lido; apenas “saber” assinar o nome é um embuste técnico digno de vitupério. Retornando ao problema da “cultura televisiva”, podemos considerar que o aparato tecnológico e ideológico que se utiliza dos recursos informativos proporcionados pela estrutura midiática exerce, sobre a população passiva, um poder de influência cuja intensidade, quando enfocada pela perspectiva da divulgação da cultura, deve ser considerada de maneira muito mais negativa do que propriamente positiva. Marshall McLuhan, em uma análise crucial, afirma que

A televisão propiciou um ambiente de baixa orientação visual e alta participação, o que a torna muito difícil a sua adaptação ao nosso sistema de ensino. Uma das soluções seria elevar o nível visual da imagem da TV, a fim de possibilitar ao jovem estudante o acesso ao velho mundo visual da sala de aulas e da classe (MCLUHAN, 2002, p. 14).

A tendência estabelecida consiste em dispersar intelectualmente a coletividade social através de gêneros midiáticos de entretenimento, que em verdade auxiliam na manutenção do status quo, pois a apresentação de situações divertidas é apenas uma espécie de narcótico existencial para uma massa social cotidianamente exausta por um regime laboral alienante. Adorno e

Horkheimer destacam que “A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo” (ADORNO & HORKHEIMER, 1988, p. 128). Em uma sociedade cuja população majoritariamente se caracteriza por manifestar pouca afeição ao exercício e apreciação intelectual da boa leitura, da reflexão e do pensamento crítico e autônomo, o sistema midiático, atrelado ao espírito de entretenimento fácil, faz da televisão acima de tudo um recurso dispersivo. Baudrillard afirma que

A televisão passa a girar em torno de si mesma, na própria órbita, e a detalhar à vontade as suas convulsões porque não é capaz de encontrar sentido no exterior, ultrapassar-se enquanto meio para encontrar o seu destino: produzir o mundo como informação e dar sentido a essa informação (BAUDRILLARD, 2005, p. 141-142)

Para que pensar se existe um mecanismo técnico que nos fornece as informações necessárias de maneira pasteurizada? Toda perda de tempo é uma violação da ordem produtiva do sistema capitalista em sua configuração existencial mais doentia, por isso não podemos mais pensar, debater, refletir. Maurice Blanchot afirma que “a impaciência é a falta contra a maturidade profunda, a qual se opõe à ação brutal do mundo moderno, a essa pressa que corre para a ação e que se agita na urgência vazia das coisas a fazer” (BLANCHOT, 2011, p. 127). Konrad Lorenz, por sua vez, aponta que “a pressa angustiada e angústia que apressa a vida contribuem para furtar ao homem suas qualidades essenciais, sendo que uma delas é a reflexão” (LORENZ, 1988, p. 37). Nesse ponto o mecanismo televisivo obtém a sua preponderância ideológica sobre os demais meios de comunicação de massa, pois apela para a profusão sedutora das imagens, atópicas, descontextualizadas, desconexas. Para Pierre Bourdieu,

A televisão (bem mais que os jornais) propõe um uso do mundo cada vez mais despolitizado, asséptico, incolor, envolvendo cada vez mais os jornais nessa escorregada para a demagogia e para a submissão aos constrangimentos comerciais (BOURDIEU, 1998, p. 109-110).

Na sociedade intelectualmente dispersiva em que vivemos, os dispositivos lúdicos adquirem caráter de alienação pública, pois o momento de lazer, que deveria favorecer a progressão do autoconhecimento do sujeito mediante o exercício meditativo de seu potencial criativo, se torna fuga desesperada de si mesmo. Tal como destaca Giovanni Sartori, “a televisão se destaca por uma coisa: é ao mesmo tempo entretenimento, distração e diversão” (SARTORI, 2001, p. 49). O ritmo veloz da vida social contemporânea exige ações imediatas, e a propagação televisiva de imagens é muito mais aprazível para a mente irrefletida do que o exercício paulatino de análise textual de ideias, que exige tempo, paciência, silêncio, até mesmo uma experiência positiva de distanciamento em relação aos burburinhos da vida cotidiana. Marcia Tiburi, ao analisar a configuração espetacular da civilização tecnocrática, salienta: “A vida exige pressa e a televisão é a exposição de uma imagem no contexto do tempo da pressa, assim ela sempre ganha qualquer disputa com outros meios” (TIBURI, 2011, p.19). O indivíduo comum, solitário existencialmente na sua vida cotidiana, por uma extrema passividade e dependência moral diante de causas externas, incapaz de conduzir o seu pensamento de acordo com as diretrizes de sua própria singularidade, se dissolve tristemente nas malhas da ignorância, motivando, por conseguinte, a sua completa alienação social, submetendo-se então ao padrão normativo das informações e das diversões midiáticas. Segundo Guy Debord,

A consciência espectadora, prisioneira de um universo achatado, limitado pela tela do espetáculo para trás da qual sua própria vida foi deportada, só conhece os interlocutores fictícios que a entretêm unicamente com sua mercadoria e com a política de sua mercadoria (DEBORD, 2006, p. 140).

A televisão, um dos principais veículos dos meios de comunicação de massa, é utilizada de modo extremamente tendencioso pela sociedade de consumo, ou, em circunstâncias mais favoráveis, aproveitado de forma pífia. Afinal, esse instrumento de transmissão de informações poderia servir com mais precisão e dedicação ao longo da sua programação cotidiana para a prática efetiva da promoção da educação social, contrariando assim a sua tal disposição mais usual: a exibição de programas espetaculares que garantem a ampliação



dos índices de audiência e com a conseqüente venda do disputado espaço publicitário dos horários de pico, destinados aos comerciais das grandes empresas. Devemos compreender que, pelo fato de vivermos efetivamente em uma sociedade ideologicamente pragmatista, norteadada pelo princípio de produtividade incessante, a possibilidade de uma empresa do ramo do telejornalismo dedicar as suas atividades informativas majoritariamente ao desenvolvimento da educação e da cultura do público espectador é reduzida apenas a breves momentos. A tendência geral é a manutenção da alienação intelectual da coletividade, satisfeita com o entretenimento espetacular fornecido diariamente pelas corporações midiáticas. Jean-Jacques Wunenburger afirma que

Em lugar de nos impelir a agir, a falar, a televisão nos convida à passividade, à interrupção de nossas tarefas, à recepção de um espetáculo que não depende de nós, ao consumismo de imagens que nos são dirigidas, enviadas para que produzam efeitos sobre nós (WUNENBURGER, 2005, p. 27).

Em uma sociedade de consumo que enaltece a vulgaridade e os gêneros de baixo teor estético, a valorização da cultura não é uma atividade considerada efetivamente lucrativa para os interesses financeiros do alto escalão do sistema midiático. Nessa conjuntura de pobreza intelectual, Adriana Santos destaca que

Cada vez mais, os meios de comunicação, não apenas sinônimos de troca de informação como também de publicidade e propaganda – acenam com maiores quantidades de objetos de desejo para os consumidores, fazendo com que, um dia, o paraíso e o bem-estar prometido por tais produtos possam ser finalmente encontrados (SANTOS, 2002, p 67).

É importante salientar que, quando muito, as redes televisivas concedem preciosos momentos nas suas respectivas grades de programação para a exibição de eventos e atividades de grande valor “informativo” para o desenvolvimento da pesquisa intelectual e do questionamento crítico do indivíduo, disponibilizando, no entanto, os horários mais inadequados para a emissão desses conteúdos, o que afugenta o telespectador que necessita cedo madrugar. No entanto, a situação mais problemática ocorre quando o núcleo

diretor destes canais de Televisão pretende transmitir conteúdos informativos ruins, de péssima qualidade intelectual, sob a falsa aparência de um conhecimento adequado, supostamente produtivo para o entendimento humano e gerador de debates, de novas reflexões. Nesse contexto, podemos nos beneficiar das colocações de Paul Virilio: “Visto que a imagem vale mais do que mil palavras, o desejo das multimídias é transformar nossa velha televisão em uma espécie de telescópio doméstico para ver, prever o mundo que está por vir, a exemplo do que já acontece com a meteorologia” (VIRILIO, 1999, p. 22). Por sua vez, Ingrid Müller Xavier, ao interpretar o problema da cultura televisiva, afirma que “a imediatez da imagem suscita e requer reflexos e reações também imediatos, e assim, ao preterir a reflexão, provoca uma transformação inaudita de despontualização do pensamento” (XAVIER, 2004, p. 137). A espetacularização da mente humana é um dos fatores principais para a desvalorização da abstração e do exercício de questionar os parâmetros estabelecidos da realidade circundante; essa tendência deletéria é percebida mesmo nas instituições de ensino submetidas aos dispositivos tecnocráticos, forjando alunos que somente conseguem manter o foco da consciência direcionado para o tema das aulas através das habilidades histriônicas dos professores ou pelo uso de recursos tecnológicos. A imagem adquire poder totalitário na sociedade regulada conforme os parâmetros da comunicação imediatista. Vilém Flusser destaca que

Na verdade, o escrever consiste em uma transcodificação do pensamento de uma tradução do código da superfície bidimensional das imagens para o código unidimensional das linhas, do compacto e confuso código das imagens para o claro e distinto código da escrita, das representações por imagens para os conceitos, das cenas para os processos, dos contextos para os textos (FLUSSER, 2010, p. 29).

O uso do quadro tradicional é uma espécie de anacronismo em nossa civilização espetacular. A glorificação das imagens desprovidas de substancialidade é a tônica para que se obtenha a adesão de mentes agitadas, ansiosas por informações de fácil digestão. Conforme destaca Roland Barthes, “a imagem é certamente mais imperativa do que a escrita, impõe a significação de uma só vez, sem analisá-la, sem dispersá-la” (BARTHES, 1985, p. 132).

Programas televisivos que transmitem opiniões de personalidades famosas, nas quais o senso comum deposita a sua extrema confiança, são também grandes veículos para a difusão de ideias falaciosas, ideias essas que as massas, no entanto, valorizam arduamente, como se porventura tais enunciados fossem legitimados por uma aura de credibilidade incondicional. Mediante essa situação podemos defender a ideia de que o sistema midiático seria o núcleo que mais valorizaria a formulação do argumento de autoridade na sociedade contemporânea, pois ela se esforça extraordinariamente em sua pretensão de validar, perante o espectador comum, tudo aquilo que porventura venha a agradar aos seus interesses mercadológicos. De acordo com Lipovetsky, “como o espaço público se esvazia emocionalmente por excesso de informações, de solicitações e de estímulos, o eu perde suas referências e sua unidade por excesso de atenção; o eu se tornou um conjunto imbecil” (LIPOVETSKY, 2005, p.37).

Poderíamos ainda considerar a Mídia em sua configuração corporativa como uma espécie de “Toque de Midas” da civilização tecnicista, por causa da sua habilidosa capacidade de transformar em lucro potencial qualquer tipo de evento, personalidade ou acontecimento ocorrido no mundo dos quais se possam explorar ao máximo os seus recursos imagéticos, tornando-os, por conseguinte, rentáveis produtos destinados ao consumo público imediato. Basta que os aparatos midiáticos divulguem um determinado produto nas campanhas publicitárias para que os “consumidores de rebanho” se esforcem por adquirir um exemplar. Nesse contexto, Konrad Lorenz destaca que a neofilia é um fenômeno bem-vindo aos grandes produtos que, graças a um doutrinação das massas, exploram a fundo essa tendência que lhes traz grandes lucros (LORENZ, 1988, p. 50). Apesar das características extremamente negativas do mundo da informação atrelado aos parâmetros consumistas da lógica de mercado, devemos também apresentar o lado positivo existente no âmbito da Televisão, em especial quando esta, em algumas circunstâncias mais favoráveis, realiza benefícios para a transmissão democrática da cultura, ainda que de modo extremamente fragmentado em sua programação cotidiana. Nessas condições, corroboramos a argumentação de Adorno, segundo o qual

(...) é possível referir-se à televisão enquanto ela se coloca diretamente a serviço da formação cultural, ou seja, enquanto por seu intermédio se objetivam fins pedagógicos: na televisão educativa, nas escolas de formação televisivas e em atividades formativas semelhantes (ADORNO, 1995, p. 76).

Alguns poucos canais do sistema televisivo aberto dedicam algumas faixas de sua rede de programação para a exibição de programas de qualidade, tais como: documentários históricos; entrevistas com intelectuais, teóricos ou artistas criadores de obras dotadas de genuína qualidade estética; filmes de grande valor cultural, cujos produtores não inserem nas suas criações os interesses mercadológicos e vulgarmente sensacionalistas acima dos interesses reflexivos e culturais. Nesse sentido, o sistema televisivo pode se tornar uma ferramenta útil para a divulgação da cultura e o estímulo intelectual para o refinamento do gosto público, promovendo ainda o apreço pela leitura. Conforme argumenta Umberto Eco,

Uma sábia política cultural (ou melhor, uma sábia política dos homens de cultura, enquanto co-responsáveis, todos, pela operação TV), será a de educar, provavelmente através da TV, os cidadãos do mundo futuro para que saibam temperar a recepção de imagens com uma igualmente rica recepção de informações “escritas”. A civilização da TV como complemento a uma civilização do livro (ECO, 1987, p. 364)

A dificuldade primordial da programação culta das emissoras televisivas consiste no fato de que muitos espectadores, em especial os jovens estudantes que se encontram em processo de amadurecimento intelectual, raramente se interessam em assistir ao teor da programação superior emitida por esses canais, preferindo antes a submissão feliz aos encantos degradantes do mercantilismo midiático e sua vulgaridade estilística. Como o nível de audiência de programas que são intelectualmente mais sofisticados atinge uma escala populacional menor, os diretores das emissoras, em nome da lucratividade, optam por transferir a exibição desses programas para horários mais insólitos, tais como as primeiras horas da manhã ou para as altas horas da madrugada, quando poucas pessoas podem ou conseguem permanecer acordados para assistir ao que lhes interessa e atrai efetivamente.

Os diretores dos canais televisivos preferem exibir, em decorrência da concretização dos seus interesses financeiros, telenovelas cujos temas se inserem adequadamente na vida cotidiana da família brasileira, de modo a evitar o máximo possível que se choque o público telespectador, ao menos no que se refere aos tabus sócio-culturais, tal como o homossexualismo; por outro lado, a encenação da violência televisiva se amplia vertiginosamente, pois tal exibição satisfaz a concupiscência do olhar telespectador. Bauman afirma que “a exposição da ameaça à segurança pessoal é hoje um elemento determinante na guerra pelos índices de audiência dos meios de comunicação de massa (incrementando assim o sucesso dos dois usos, político e mercadológico, do capital medo)” (BAUMAN, 2009, p. 55).

O problema da audiência, portanto, é o fator determinante na transmissão de informações no mundo da Televisão, de modo que prevalece nessa relação de forças a ditadura da maioria: aquilo que agrada ao gosto da grande massa espectadora adquire a atenção especial dos detentores da informação televisiva, ainda que esses conteúdos, programas ou informações sejam de péssima qualidade estética ou conceitual. Esse sistema norteia os seus interesses através de um viés quantitativo, no número, de modo algum pelo qualitativo, pelo seletivo. Pierre Bourdieu elabora uma questão de suma relevância, que esclarece sensivelmente o tema presentemente tratado:

Pode-se e deve-se lutar contra o índice de audiência em nome da democracia. Isso parece muito paradoxal porque as pessoas que defendem o reino do índice de audiência pretendem que não há nada de mais democrático (é o argumento favorito dos anunciantes e dos publicitários mais cínicos), que é preciso dar às pessoas a liberdade de julgar, de escolher (“são seus preconceitos intelectuais elitistas que os levam a considerar tudo isso como desprezível”). O índice de audiência é a sanção do mercado, da economia, isto é, de uma legalidade externa e puramente comercial, e a submissão às exigências desse instrumento de *marketing* é o equivalente exato em matéria de cultura do que é a demagogia orientada pelas pesquisas de opinião em matéria de política. A televisão regida pelo índice de audiência contribui para exercer sobre o consumidor supostamente livre e esclarecido as pressões do mercado, que não tem nada de expressão democrática de uma opinião coletiva esclarecida, racional, de uma razão pública, como querem fazer os demagogos cínicos. Os pensadores críticos e as organizações encarregadas de exprimir os interesses dos oprimidos estão

muito longe de pensar com clareza esse problema. (BOURDIEU, 1997, p. 96).

A partir da criação da TV por assinatura, surge um problema desagradável: os programas dotados de grande valor educativo e cultural cedem ainda mais o precioso espaço que lhe destinava originalmente algumas emissoras de TV aberta para os programas de baixo valor intelectual, mas de grande valor pecuniário para as emissoras, que favorecem assim a satisfação do degradado gosto popular. Muitos dos programas de qualidade intelectual migraram da TV convencional para a TV por assinatura, de modo que, a partir desta nova circunstância, o espectador que se interessar em assistir ao programa de sua predileção, se encontra na necessidade de pagar uma mensalidade em troca do produto que lhe apetece. Por conseguinte, na miríade de canais de emissoras existentes na TV por assinatura, o espaço destinado para os programas de alto nível intelectual é mais extenso, sem que, no entanto, venha a causar prejuízo econômico aos interesses da cúpula das emissoras, justamente pelo fato de se tratar de outro nível de relacionamento comercial. Se porventura algum programa educativo exibido em emissora de TV por assinatura vier a apresentar, nas estatísticas, uma reduzida audiência, seja no dito “horário nobre” ou não, esse fato acarretará pouca diferença para os propósitos comerciais da emissora, pois o evento mais importante se concretiza através do dispêndio financeiro do espectador em pagar para assistir ao programa de seu interesse.

A emissora de TV por assinatura, em tal procedimento, desenvolve nitidamente uma atitude pragmática em relação ao problema da transmissão da cultura, pois assim ela consegue agradar aos representantes de todas as faixas e gostos de público, desde os apreciadores dos programas mais vulgares aos mais refinados esteticamente e culturalmente, imiscuindo-se, conseqüentemente, da contestação das duas vertentes de telespectador. Contudo, o grande problema resultante dessa situação consiste no fato de que grande parte da população brasileira não possui recursos materiais que lhe permita o acesso da programação dos canais de por assinatura, pois o valor das mensalidades, ainda que relativamente acessível para uma parcela razoável dos espectadores brasileiros, está acima das condições financeiras da grande massa da população,

que se priva assim do acesso ao caráter de diversidade de tendências e possibilidades de expressões existentes na TV por assinatura. Após estas exposições, cabe, neste momento, refletirmos acerca do desinteresse de grande parte da camada dos jovens brasileiros pelo pensamento crítico, o que se traduz na vida prática através da alienação dos eventos do mundo e de seus problemas, assim como dificuldade de expressar ideias, seja por escrito ou oralmente. Nesse contexto, as colocações críticas de Baudrillard são axiologicamente pertinentes para o tema abordado:

A virtualidade, no sentido pelo qual a vontade política só opera através das telas mentais das televisões e da interpretação das sondagens, transformou a função e a representação políticas em vestígios quase inúteis. Nenhuma dialética, mesmo conflitual, mantém mais os dois pólos em interação (BAUDRILLARD, 2005, p. 39).

As estruturas sociais que motivam essa situação de despolitização individual são as induzir o espectador a adotar um padrão de comportamento falso, distinto da singularidade individual de cada um. Conforme destaca Pierre Bourdieu,

A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. Ora, ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos (BOURDIEU, 1997, p. 23-24).

Desse modo, para que o indivíduo venha a ser aceito em determinado círculo social, deve adotar um comportamento baseado na heteronomia, na adequação da sua consciência individual aos valores comuns, da massa, repetidora de um estilo de vida e de um modo de pensar no qual raramente interfere em sua construção social. Nesse contexto, Marcuse argumenta que:

Com o declínio da consciência, com o controle da informação, com a absorção do indivíduo na comunicação de massa, o conhecimento é administrado e condicionado. O indivíduo não sabe realmente o que se passa; a máquina esmagadora de educação e entretenimento une-o a todos os outros indivíduos,

num estado de anestesia do qual todas as ideias nocivas tendem a ser excluídas (MARCUSE, 1982, p.96).

Os aparatos midiáticos conseguem de forma habilidosa induzir ao jovem espectador a inconscientemente se alienar de sua própria identidade pessoal, ao exhibir em seus programas a artificialidade das relações sociais, a fatuidade do pensamento de personagens que somente se preocupam em seguir os parâmetros normativos da moda e granjear a atenção do círculo de contatos. Para tanto, a ideologia midiática não incentiva o desenvolvimento de um comportamento afirmativo, cultivado e pensante entre os espectadores, pois isso não promove o aumento da audiência. Eugênio Bucci e Maria Rita Kehl ponderam que a televisão, a publicidade e outros produtos da cultura industrializada dispensam os sujeitos de pensar, pelo menos enquanto eles ocupam a condição de espectadores (BUCCI & KEHL, 2009, p. 57). Como o gosto social é esteticamente comprometido com a vulgaridade estilística, torna-se imprescindível para a manutenção econômica da programação o apelo aos elementos sensacionalistas. Para Umberto Eco,

Os *mass media*, colocados dentro de um circuito comercial, estão sujeitos à “lei da oferta e da procura”. Dão ao público, portanto, somente o que ele quer, ou, o que é pior, seguindo as leis de uma economia baseada no consumo e sustentada pela ação persuasiva da publicidade, sugerem ao público o que este deve desejar (ECO, 1987, p. 40-41).

O malefício dessa situação reside na escassez do pensamento crítico em grande parcela da população brasileira, de modo que, através do abuso de imagens criadas artificialmente, a estrutura midiática seduz a consciência fraca do indivíduo, que passa a cultivar os falsos e inócuos valores despejados por esta nos seus meios de expressão. Baudrillard destaca que:

A moda – e mais amplamente o consumo, que é inseparável da moda – mascara uma inércia social profunda. Ela própria é fator de falência social, na medida em que, por meio das mudanças à vista, e muitas vezes cíclicas, de objetos, de vestuários e de ideias, nela se ilude e desilude a exigência de mobilidade social real (BAUDRILLARD, 1995, p. 35).



Os aparatos midiáticos, ao desenvolverem nas suas programações um padrão estilizado de conduta dos adolescentes nas séries ou novelas dedicadas aos membros desse grupo, contribuem terrivelmente para que se retarde o processo de amadurecimento da personalidade do jovem, mantendo-o no estado de “menoridade existencial”. Acerca da questão da “menoridade existencial” do ser humano, podemos utilizar como suporte intelectual a argumentação kantiana:

Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dele não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere Aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*]. A preguiça e a covardia são as causas pelas quais tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha, continuam no entanto de bom grado menores durante toda a vida (KANT, 2005, p. 63-64).

O círculo de relações do jovem submetido ao modelo mega-midiático se baseia no parâmetro imposto pelo sistema televisivo e seus aparatos consumistas. Inclusive, podemos afirmar que, em geral, o comportamento exibido nesse tipo de programação dedicada ao público adolescente concerne em especial aos jovens das classes sociais mais favorecidas, cujos membros são acostumados, desde a tenra infância, ao usufruto dos bens de consumo. Focalizando as suas técnicas publicitárias para o potencial consumista da juventude economicamente viável, assim como para o círculo de relações sociais próprio desse grupo, a estrutura midiática não se preocupa em violentar simbolicamente os jovens de outras classes desprovidas materialmente de maiores possibilidades de desfrute dos bens exibidos nos programas, nas novelas, nos comerciais. Konrad Lorenz aponta que

O método mais irresistível para manipular grandes massas humanas pela sincronização de suas aspirações é fornecido pela moda. Certamente, na origem, ela deriva simplesmente da aspiração humana generalizada de tornar visível externamente

a própria dependência de um grupo cultural ou étnico (LORENZ, 1988, p. 99)

A lógica normativa de adesão social faz com o jovem desprovido de poder aquisitivo se encontra na necessidade urgente de penetrar naquilo que a ideologia da Mídia corporativa considera como o verdadeiro padrão de comportamento social: determinado tipo de vestuário, corte de cabelo similar ao de uma figura célebre, gírias artificiais que não foram produzidas através da vivência social concreta (atendendo as necessidades de comunicação de um grupo social, de uma comunidade, mas dentro de estúdios cenográficos, dentre outras intervenções na vida coletiva). Desse modo, a estrutura midiática cria a ilusão de que este mundo de fantasia, aparentemente homogêneo e estabelecido democraticamente, está ao alcance de qualquer um; para que supostamente se conquiste tal objetivo social o indivíduo deve adotar estritamente o comportamento exibido pela comunidade criada pelos dos programas televisivos. A Mídia corporativa, ao representar na maior parte das vezes a juventude em situações distantes da prática de pesquisa, da reflexão, do exercício de pensamento, acaba por transmitir publicamente a ideia velada de que o estudo, a dedicação intelectual, é uma perda de tempo. Afinal, o que vale realmente a pena é aproveitar o máximo o tempo de lazer, de modo que este venha a preencher o vazio da vida cotidiana através de uma narcótica experiência hedonista. De acordo com Christopher Lasch,

A sociedade burguesa sempre manteve a promessa de que as satisfações privadas compensarão o fato de que o trabalho tenha sido reduzido a uma rotina, mas ao mesmo tempo solapa esse compromisso organizando o lazer como uma indústria (LASCH, 1991, p. 23).

Esta comprovação pode ser verificada quando as telenovelas ou os programas para o público jovem exibem cenas no interior das salas de aula: poucos estudantes interessados em pesquisar e aprender, muitos ansiosos pelo intervalo ou término da aula, para que possam ficar livres das suas obrigações intelectuais.

## **O USO DA INFORMÁTICA COMO RECURSO EDUCACIONAL: vantagens e desvantagens**

Após versamos acerca do tema da presença da Televisão na sociedade brasileira, assim como as suas influências na ordenação da estrutura educacional, seria pertinente que realizássemos uma reflexão sobre a questão do uso dos recursos da informática em nossos meios sociais, sobretudo na sua relação com o âmbito das práticas educativas. O advento da tecnologia da informática trouxe indubitavelmente grandes avanços na transmissão de conteúdos em uma escala inimaginável, assim como da possibilidade de armazenamento dos mesmos. Tal como destacado por Nicholas Negroponte: “A superestrada da informação nada mais é do que o movimento global de bits sem peso à velocidade da luz” (NEGROPONTE, 1995, p. 18).

Arquivos imensuráveis, a partir do uso do aparato informatizado, são substituídos por recursos especializados que substituem, a nível quantitativo, o grande espaço físico destinado ao armazenamento de informações, enquanto que, numa dimensão qualitativa, esses dados podem ser organizados de modo extremamente meticuloso, evitando-se assim os transtornos que ocorrem comumente com os arquivos materiais, tais como danificação dos conteúdos ou perdas irreparáveis dos mesmos. Nicholas Negroponte, em outra contribuição para a compreensão epistemológica dos recursos informáticos, destaca que “a Internet oferece um novo veículo para se sair em busca de conhecimento e sentidos” (NEGROPONTE, 1995, p. 175).

No âmbito da transmissão de conhecimentos, a informática exerce uma função muito importante para o desenvolvimento da comunicação e da educação numa escala global, pois, através da Internet, a transação de informações adquire um nível de velocidade extraordinário, fato de suma importância para as circunstâncias atuais de um mundo caracterizado pela urgência do contato, da interação informativa. Alcançamos o estado comunicativo denominado por Pierre Lévy de “Todos-Todos”, que se caracteriza por promover a interação multilateral de informações entre todos os usuários conectados na rede virtual (LÉVY, 1999, p. 29). Na era informática, a construção do saber se torna uma experiência multilateral (não mais unilateral,

conforme os princípios dogmáticos da instituição teológica normativa, ou bilateral, como na relação dialética); desse modo, todos os sujeitos devidamente conectados na rede eletrônica tornam-se difusores de conceitos, informações, saberes. Pierre Lévy denomina essa experiência holística de “inteligência coletiva”:

O problema da inteligência coletiva é descobrir ou inventar um além da escrita, um além da linguagem tal que o tratamento da informação seja distribuído e coordenado por toda parte, que não seja mais o apanágio de órgãos sociais separados, mas se integre naturalmente, pelo contrário, a todas as atividades humanas, volte às mãos de cada um (LÉVY, 2003, p. 17).

A difusão de conhecimentos específicos adquiriu proporções globais a partir da virtualização dos meios de expressão, favorecendo maior troca de saberes entre pesquisadores e leitores, assim como a divulgação de informações de interesse coletivo. Tal como salientam André Lemos e Pierre Lévy,

Hoje, quase todas as revistas científicas, as melhores enciclopédias, as informações legais e administrativas dos países avançados, as rádios, os jornais de todas as especialidades e de todas as nacionalidades, e em breve, as televisões, estão disponíveis na web, sem contar as inúmeras empresas de difusão de informação de todos os tipos que só existem na web (LEMOS & LÉVY, 2010, p.63).

Desse modo, de acordo com a necessidade intelectual do usuário, as mais diversas informações podem ser recolhidas do mundo da Internet, satisfazendo assim as suas carências epistemológicas do momento. Pierre Lévy, depositando grande confiança no processo de difusão de saberes pela Internet, destaca que

As atividades de pesquisa, de aprendizagem e de lazer serão virtuais ou comandadas pela economia virtual. O ciberespaço será o epicentro do mercado, o lugar da criação e da aquisição de conhecimentos, o principal meio da comunicação e da vida social (LÉVY, 2001, p. 51).

Adam Schaff, por sua vez, acredita que “a sociedade informática permitirá a formação do homem universal, no sentido de sua formação global, que lhe permitirá fugir do estreito caminho da especialização unilateral e não de

se libertar do enclausuramento numa cultura nacional – para converter-se em um cidadão do mundo no melhor sentido do termo” (SCHAFF, 2007, p. 71). A partir do desenvolvimento dos provedores eletrônicos de busca na Internet nos habilitamos a adquirir uma infinidade de informações sobre um determinado tema de modo quase instantâneo, evitando-se a perda de uma considerável parcela de tempo no ato de pesquisa de determinado conteúdo, tempo esse que poderia ser utilizado na investigação dos dados recolhidos nas investigações, e não na busca “arqueológica” por novas informações. Pierre Lévy considera que o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções orgânicas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos), máquinas digitais de todos os tipos, imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos) (LÉVY, 1999, p. 157). Contudo, devemos atentar para o caráter problemático dessa questão, pois, se por um lado essa circunstância favorece o ato de coleta de informações, potencializando o desenvolvimento da pesquisa, por outro, pode retirar do indivíduo investigador o seu senso de atividade em prol da aquisição por conhecimento e novas informações. Conforme argumenta Adam Schaff,

Quando falamos de sociedade informática, referimo-nos a uma sociedade em que todas as esferas da vida pública estarão cobertas por processos informatizados e por algum tipo de inteligência artificial, que terá relação com computadores de gerações subseqüentes. O problema não está no modo como ocorre esse processo nas diversas esferas da vida pública; o verdadeiro problema é quem deve gerir os resultados deste processo informático generalizado e como utiliza os dados que tem à sua disposição. Quanto maior é a expansão do processo maior é o perigo de uma divisão entre os que possuem e os que não possuem as informações adequadas (SCHAFF, 2007, p. 49).

A informatização da sociedade porta, nessas condições, uma disposição ambivalente: ao mesmo tempo em que uma pessoa, desde que munida dos aparatos técnicos adequados, torna-se apta a investigar, pesquisar e difundir conhecimentos no espaço virtual, motiva, por outro lado, o risco de se banalizar a experiência comunicativa através do excesso de conteúdos disponibilizados na

dimensão da Internet. Lyotard, ao descrever as configurações ideológicas da dita “sociedade pós-moderna”, apresentara colocações críticas sobre as mudanças nos paradigmas informáticos de nossa organização cultural:

É razoável pensar que a multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetaria a circulação dos conhecimentos, do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação dos homens (transportes), dos sons e, em seguida, das imagens (Mídia) o fez (LYOTARD, 2002, p.4).

Uma das situações mais comuns que ocorrem no cotidiano consiste no curioso fato do indivíduo, abrindo mão do exercício da pesquisa, preferir preguiçosamente se pautar na utilização do grande reservatório eletrônico de informações existente na Internet, submetendo-se cegamente aos conteúdos lançados no mundo virtual. Essa circunstância exclui qualquer possibilidade do pesquisador virtual de desenvolver na sua vida prática o senso de atividade no ato de investigação dos dados recolhidos do cotidiano, uma vez que ele, ciente da grande facilidade de recolher da Internet os conteúdos prontos, deixa de elaborar as suas próprias ideias para assimilar a diversidade de informações outorgadas pela multiplicidade de autores. Como tema conexo ao apresentado, podemos nos beneficiar dos comentários de Alain Woodrow: “O ciberespaço faz-nos entrar neste tempo mundial, tempo real, que já não nos permite o distanciamento do mundo necessário para compreendê-lo” (WOODROW, 1996, p. 98).

Devemos ainda ressaltar que esse tipo de pesquisador, quando não consegue pautar a sua coleta de dados na Internet a partir do senso de atividade, ou seja, aliando a sua pesquisa virtual com o seu próprio exercício de pensamento, pode não raro sofrer de um declínio da sua visão crítica. Afinal, se porventura esse tipo de indivíduo simplesmente copia indiscriminadamente os conteúdos virtuais, sem que ele próprio se esforce para desenvolver o exercício de pensamento, essa circunstância impossibilita, indubitavelmente, que ele seja capaz de selecionar os conteúdos adequados existentes no grande arquivo virtual de informações da Internet. Porventura se realizarmos a pesquisa de um determinado tema, poderemos vir a encontrar muitas fontes acerca do mesmo, de boa, de razoável e de péssima qualidade intelectual. Porém, o critério de

seleção para assimilação desse tipo de conteúdo somente se desenvolve, tal como citado acima, quando o pesquisador associa o seu esforço de pensamento com as informações recolhidas do banco de dados do mundo virtual, pois assim ele pode compreender de modo adequado o tema investigado, evitando que os trabalhos intelectualmente inconsistentes sejam admitidos no seu processo de pesquisa. Edgar Morin pondera que

Temos necessidade absoluta de estar bem informados, mas isso não basta, de modo algum, para conhecer bem. O importante não é só a informação, é o sistema mental ou o sistema ideológico que acolhe, recolhe, recusa, situa a informação e lhe dá sentido (MORIN, 1986, p. 56).

Esse senso de seletividade presente no pesquisador, agindo de forma rigorosa na análise dos conteúdos, possibilita a utilização de dados intelectual que realmente ampliam o leque argumentativo para o desenvolvimento do trabalho proposto. Eis, portanto, algumas precauções que o estudante deve seguir, no ato de recolher conteúdos do mundo virtual. Para Manuel Castells,

A elasticidade da Internet a torna particularmente suscetível a intensificar as tendências contraditórias presentes em nosso mundo. Nem utopia nem distopia, a Internet é a expressão de nós mesmos através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa sociedade (CASTELLS, 2003, p. 11).

A formação adequada do conhecimento ocorre, portanto, imediatamente atrelada com a atividade do pensamento, associada assim com a seletividade em relação às informações adquiridas no imensurável banco virtual de dados. Adriana Santos apresenta problemas incrustados na ideologia midiática, salientando que,

Na era eletrônica, não há possibilidade de que essa singularidade seja estimulada. A chamada mídia é um processo de fabricação de ícones e de totens modernos. Por mais que o comércio via internet fale diretamente com o consumidor através do e-mail, ou seja, da correspondência eletrônica, é preciso vender para um mercado global, de gostos e atitudes padronizadas, e não para indivíduos com pensamentos e gostos próprios (SANTOS, 2002, p. 80).

A grande diferença do aparato televisivo em relação ao mundo da informática, no tocante ao problema da transmissão de conhecimento, consiste na extrema facilidade deste último em expor os conteúdos mais diversos. Enquanto a estrutura televisiva se mantém na sua programação cotidiana, adequando a sua proposta de informação com os interesses de mercado, a Internet, por sua vez, possibilita a transmissão de informações numa esfera muito mais ampla: ela permite que um indivíduo adquira os dados mais diversos para as suas pesquisas, evitando-se o problema da carência de informações existente no mundo da Televisão, que é adequado aos parâmetros norteadores do índice de audiência. Vejamos os comentários de Pierre Lévy:

É a televisão, e não o virtual, que estabelece a impossibilidade de agir e o sentimento de irrealidade resultante. De fato, a televisão faz com que eu compartilhe o mesmo olho, o mesmo ouvido que milhares de pessoas. E a percepção compartilhada é geralmente um forte índice de realidade. Mas, ao mesmo tempo em que estabelecem uma percepção comum, as mídias não permitem a comunicação entre aqueles que percebem a mesma “realidade” (LÉVY, 1999, p. 224).

A Internet, ainda que esteja inserida no sistema de propaganda comercial, abarca uma extraordinária infinidade de recursos de expressão, impedindo assim que exista, nos seus meios, a “ditadura da informação”, na qual somente aquilo que interessa para a ampliação do índice de audiência é considerado válido de ser transmitido para o público. Desse modo, podemos considerar que a rede da informática prevalece sobre o aparato da Televisão na transmissão de informações e conhecimentos. Pierre Lévy postula que

O uso socialmente mais rico da informática comunicacional consiste, sem dúvida, em fornecer aos grupos humanos os meios de reunir suas forças mentais para constituir coletivos inteligentes e dar vida a uma democracia em tempo real (LÉVY, 2003, p. 62).

Contudo, isso não quer dizer que a Internet seja a grande benfeitora da ciência e do conhecimento para o ser humano, pois não basta ao estudante recolher dados do mundo virtual, sem que ele se dedique ao exercício de pesquisa e da investigação de modo autônomo, através de sua atividade



investigativa. Essa circunstância ocorre adequadamente através da leitura, a qual, apesar do usufruto dos recursos televisivos e informáticos por parte da sociedade de tecnologia, jamais poderá ser suprimida. A atividade da leitura é uma das principais garantia do uso do senso crítico por parte do indivíduo na sua busca por conhecimento, de modo que se torna extremamente problemático, para a própria formação do seu saber, quando ele abdica do ato de pensar para somente assimilar informações prontas, seja da Televisão ou da rede de Informática, perdendo assim o saudável hábito de se exercitar na arte do pensamento.

O ritmo acelerado da vida regida pelos signos do tecnicismo promove o estabelecimento de uma nova experiência de percepção da temporalidade, exigindo que façamos cada vez mais coisas na menor extensão cronológica possível, de modo que possamos assim ser mais produtivos e simultaneamente utilizarmos o tempo disponível para a realização de atividades livres. Essa é uma das circunstâncias que motivam a glorificação incondicional dos avanços tecnológicos, que trabalham e até mesmo pensam por nós. Contudo, o progresso técnico faz parte de um projeto civilizatório de organização científica da realidade, onde tudo pode ser previsto e friamente calculado. Tal como destaca Pierre Lévy, “as tecnologias domésticas não fizeram ganhar tempo, elas permitiram a elevação dos padrões de ordem, higiene e limpeza” (LÉVY, 1999, p. 216).

Outro problema que deve ser analisado consiste na questão da diferença existente entre a linguagem escrita formal, utilizada na atividade acadêmica e nos meios de comunicação comprometidos com o apuro intelectual, e a linguagem informatizada, que visa em especial dinamizar os processos comunicativos. Enquanto a linguagem escrita formal obedece aos rigorosos critérios gramaticais, preconizando o cuidado com a norma culta do código lingüístico, a linguagem informatizada, inserida noutro processo de transmissão de conhecimento e de informações, preconiza o desenvolvimento de uma linguagem sintética, uma vez que a proposta principal do mundo virtual consiste em divulgar informações com a maior velocidade possível. Assim, a linguagem entre os usuários do mundo da informática, gerenciado pela

necessidade lacônica da comunicabilidade, adquire um estatuto distinto da linguagem formal.

De acordo com as peculiaridades da vertiginosa aceleração existente no mundo da informática, podemos considerar que esse modelo de transmissão de informações entre os usuários é relativamente pertinente, uma vez que o anseio principal, nesse âmbito, consiste justamente em comunicar o mais rápido possível. Porém por outro lado, o fato de se utilizar uma linguagem codificada muito aproximada com a linguagem oral, pode, em algumas circunstâncias, retirar do usuário a compreensão da importância do uso correto da estrutura gramatical, desacostumando-o a escrever adequadamente. Assim, para solucionar esse problema, seria importante que o usuário compreendesse que a linguagem do mundo virtual, ainda que seja um tanto distinta em relação ao código da linguagem comum, não pode de modo algum excluir esta, conforme ocorre comumente no cotidiano das redes sociais eletrônicas. Inclusive, o empobrecimento da riqueza intelectual do vocabulário do indivíduo que se depara com a necessidade de redigir um texto expressa de forma precisa a espetacularização da mente humana da era tecnicista, que se torna devota de estímulos visuais fortes, incapacitando-se assim de abstrair intelectualmente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossa sociedade tecnicista, caracterizada pelo usufruto desenfreado dos bens tecnológicos, manifesta cada vez mais a perda pelo sentimento de afirmação dos valores culturais genuínos, em prol da acomodação confortável diante de uma organização vital que deprecia a aquisição de conhecimento, favorecendo apenas a manutenção de uma vida alienada, desprovida de senso crítico. As forças culturais da sociedade devem se engajar no projeto de contestação dos aparatos degradantes dos meios de comunicação de massa, que vendem uma falsa ideia de cultura, escamoteando os refugos espetaculares da informação sedutora como se este fosse conhecimento genuíno, através dos seus meios de expressão. Entretanto, cada indivíduo também é plenamente capaz de criticar esse tipo de produção cultural que somente privilegia a quantidade, em detrimento da qualidade. Basta que se desenvolva o sentimento crítico em

relação aos produtos ofertados pela indústria midiática, valorizando a prática da cultura como princípio por excelência da atividade humana na vida social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. “Televisão e Formação” In: **Educação e Emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 75-95.

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difel, 1985.

BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Trad. de Aníbal Alves. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

\_\_\_\_\_. **Tela Total: mito-ironias do virtual e da imagem**. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BLANCHOT, Maurice. **O Espaço Literário**. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Contrafogos – táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Trad. de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Sobre a Televisão**. Trad. de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRETON, Philippe. **A utopia da comunicação**. Trad. de Serafim Ferreira. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo – Comentários sobre a Sociedade do Espetáculo**. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Trad. de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FLUSSER, Vilém. **A Escrita** – há futuro para a escrita? Trad. de Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: que é Esclarecimento”? In: **Textos Seletos**. Trad. de Raimundo Vier e Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 63-71.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração**. Trad. de Ítalo Tronca e Lúcia Szmerecsanyi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LE MOS, André & LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **A conexão planetária**: o mercado, o ciberespaço e a consciência. Trad. de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Ed.34, 2001.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. Trad. de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio** – *Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Trad. de Theresinha Monteiro Deutsch. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles & SERROY, Jean. **A Cultura-Mundo**. Resposta a uma sociedade desorientada. Trad. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LORENZ, Konrad. **Os oito pecados mortais do homem civilizado**. Trad. de Henrique Beck. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Trad. de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **A miséria do jornalismo brasileiro**: as (in)certezas da mídia. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1982.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do Homem**. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2002.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Repensar a reforma, repensar o pensamento. Trad. de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Para sair do século XX**. Trad. de Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NEGROPONTE, Nicholas. **A Vida Digital**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROJAS, Enrique. **O Homem Moderno**: a luta contra o vazio. Trad. de Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1996.

SANTOS, Adriana Bacellar Leite e. **Os meios de comunicação como extensões do mal-estar**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

SARTORI, Giovanni. **Homo Videns** – Televisão e pós-pensamento. Trad. de Antonio Angonese. Bauru: EDUSC, 2001.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. Trad. de Carlos Jordão Machado e Luiz Arturo Obojes. São Paulo: Brasiliense, 2007.

TIBURI, Marcia. **Olho de Vidro**: a Televisão e o Estado de Exceção da imagem. Rio de Janeiro: Record, 2011.

VIRILIO, Paul. **A Bomba Informática**. Trad. de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

XAVIER, Ingrid Müller. “Filosofia em tempos de adrenalina”, In: KOHAN, Walter (org.) **Filosofia: caminhos para o seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 133- 152.

WOODROW, Alain. **Os meios de comunicação – Quarto Poder ou Quinta Coluna?** Trad. de J. Freitas e Silva. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O homem na era da televisão**. Trad. de Miriam Campolina Diniz Peixoto. São Paulo: Loyola, 2005.